

A educação dos excluídos: um estudo das manifestações da barbárie na construção da cidade de Ribeirão Preto após 1930

Autores: Willian Bezerra Natário Cristino¹, José Faustino de Almeida Santos²

^{1,2} Centro Universitário Barão de Mauá

¹*willianbnc@gmail.com (História)*, ²*jose.faustino@baraodemaua.br*

Resumo

Após o ano de 1930, impulsionado pela Modernidade e toda a complexidade de mudança que haveria na sociedade, a educação toma seu lugar de protagonismo na formação de Ribeirão Preto, exercendo assim um papel muito singular e relevante. Conheceremos as atitudes e comportamentos que a escola ansiava neste período e a consciência histórica que ela formava, inclusive a exclusão de uma determinada parcela dessa sociedade.

Informações Gerais

A pesquisa aqui relatada visa descrever certa concepção educacional estabelecida no âmbito de um projeto de modernização se colocava como civilizador, capaz de superar através da urbanização certas tradições rurais tidas como bárbaras ou atrasadas da sociedade ribeirão-pretana. Outro objetivo é analisar o que essa concepção educacional pôde contribuir para a formação da consciência histórica, conceito caro e basilar no ensino de História (RÜSEN 2001 apud SOCORRO p. 5).

Quanto ao contexto histórico, é oportuno salientar que a Segunda República, iniciada no movimento de 1930, tinha como um de seus principais objetivos consolidar uma formação nacional, por isso, o campo educacional tinha pertinência. Embasado pelo pensamento positivista o governo valeu-se dos mecanismos educacionais para promover iniciativas tidas como civilizatórias frente a uma sociedade com características rurais na sua economia e nos seus costumes, sendo a educação um instrumento tomado pela concepção baseada no darwinismo social, o que garantiria a dita evolução do país. Nesta esteira, desenvolveu-se também uma política de higienização, tornando-se mais uma característica desse projeto de modernização importado dos europeus. (Jayme 2008)

Produzir o consenso entre os alunos de que a higiene, forte ciência daqueles tempos, além de os salvar das desgraças endêmicas, os traria para a civilização, para o trabalho, e assim, os livraria também dos infortúnios da miséria. (JAYME, 2008, p. 42).

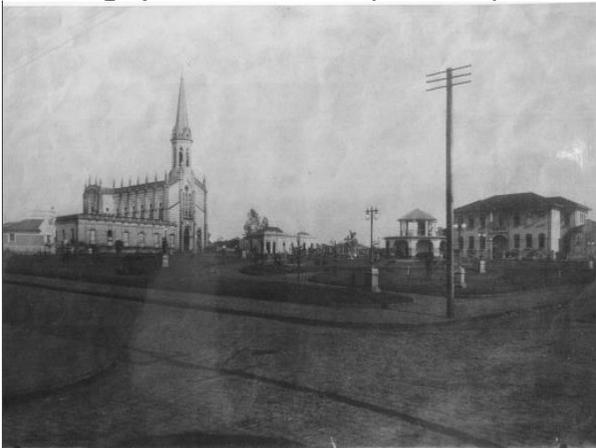
Nossa análise está apoiada em parte da teoria do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, destacadamente o conceito de consciência histórica. De modo particular, trazemos os aportes da leitura ruseneana feita por Anselmo Silva Socorro, publicado no VI Congresso Internacional de História do Programa de Mestrado em Educação da UEMS/Paranaíba durante a participação na disciplina “Cultura Escolar e Consciência Histórica: temas e procedimentos”. Segundo Silva (ano) consciência histórica em Jörn Rüsen é:

[...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo (RÜSEN, 2001 apud SOCORRO, p. 2)

A partir disso, tomamos Atas, Caderno de Penalidades, Jornais, Fotografias e Cantos para descrevermos de forma analítica as tipologias de consciência histórica que em Rüsen são quatro: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética. Cada uma possui sua especificidade; A Tradicional perpassa por uma consciência que se fundamenta em tradições, são a base, inclusive, da consciência moral dos indivíduos; através de obrigações “tradicionais”; A exemplar se fundamenta em que o indivíduo utiliza os exemplos do passado para

emissão de juízos de valor, em sua maioria são generalizados e ligados a prudência e moralidade; A Crítica, nos traz a necessidade de o indivíduo orientar-se no tempo presente, para isso ele rompe com o modelo tradicional e exemplar para criar um novo sentido ao seu processo, redirecionando presente e futuro; A consciência genética, por sua vez, sucita sobre os nossos comportamentos um desenvolvimento dinâmico, é levado em consideração a complexidade da vida social e as mudanças temporais, modificando tanto a nossa percepção do passado quando do presente pois trata-se de uma transição dinâmica, ocorrendo o mesmo com nossos valores e identidade (SOCORRO, 2011). Em suma, estes são os critérios que iremos usar para analisar as fontes históricas e as evidências que apresentam quanto ao(s) tipo(s) de consciência histórica que foi produzida a época, através de comportamentos e valores que inculcaram no período escolar.

Figura 1 - Vista da Igreja Matriz á esquerda e o 3º grupo escolar á direita (1927-1930)



As regras e comportamentos do 3º Grupo Escolar de Ribeirão Preto

Tomamos como objeto principal o cotidiano escolar do 3º Grupo Escolar de Ribeirão Preto, através de documentos disponibilizados no arquivo da escola. Por meio deles, o principal tipo de consciência histórica que identificamos, foi a Consciência Histórica Tradicional que segundo Rusen (ano) se integra a uma narrativa de obrigações “tradicionais”, sentimento de unidade, com discursos de origem em comum. Nesse sentido, temos aqui uma foto muito interessante, onde podemos relacionar a proximidade da escola com a Igreja, Paróquia Nossa Senhora do Rosário, fundada no dia 12 de março de 1914, uma aproximação não apenas física mas também no ensinar pedagógico, e na identidade de comunidade, como veremos em outras font

Figura 2 - Convite da 1ª comunhão – E.E. “DONA SINHA JUNQUEIRA”

COMUNHÃO.

A Comissão Religiosa do 3º Grupo Escolar convida os professores e famílias para assistirem à primeira comunhão de cento e cinquenta crianças do estabelecimento, no dia 17 de junho, às 07h30min horas na Igreja Matriz da Vila Tibério. Após a missa será oferecido um chocolate aos neo-comungantes e aos professores, como se tornou tradição.

Posteriormente, a incumbência da formação religiosa passou a ser da responsabilidade da igreja.

²⁶ Ata de Reunião Pedagógica, p. 34 (verso), 1946.
²⁷ Ata de Reunião Pedagógica, p. 14 (verso), 1954.

E.E. “DONA SINHA JUNQUEIRA”

35

O convite da Primeira Comunhão, estabelece uma relação de proximidade e tradição entre alunos, professores, direção e familiares, como vemos no trecho “...Após a missa será oferecido um chocolate aos neo-comungantes e professores..”, a importância dos professores para a comunidade e catequização dos alunos é premiada com o chocolate assim com os comungantes, vindo torna-se uma tradição notória. A relação entre moradores e escola sempre foi de muita proximidade, existiram mais atividades que vemos essa harmonia na relação: “Caixa escolar” e “Sopa escolar”, o primeiro visava amparar crianças pobres que precisavam de roupas, sapatos, material escolar e medicamentos, e o segundo desejava alimentar alunos que chegavam a escola sem alimentação adequada. As duas campanhas eram financiadas por professores, diretores, médicos, empresas e políticos evidenciando a boa relação e preocupação da comunidade com o colégio. Seguidos pelo grupo de escoteiros, Aimoré, que desenvolviam trabalhos variados de esporte e lazer, comemorações civicas e até educação ambiental.

Outro segmento em que notamos um esforço demasiado é nas vestimentas dos alunos, em alguns relatos de Atas de reuniões pedagógicas é citado a situação carente dos alunos, alguns não tinham sapatos para ir a escola, não possuíam

Figura 3 - Foto da turma 3º ano 1952



casacos, blusas, esta era uma das preocupações constante da direção e todo esforço do “Caixa Escolar” era para dar assistência a estes alunos, pois “[...] *uma escola uniformizada impressiona sempre e dá idéia agradável de ordem e disciplina*” (Ata de Reunião Pedagógica, p.33, 1946). Notamos aqui a padronização das vestimentas, criando ainda mais um sentimento de unidade que se articula com a consciência histórica tradicional de Rusen descrita por Socorro (2011).

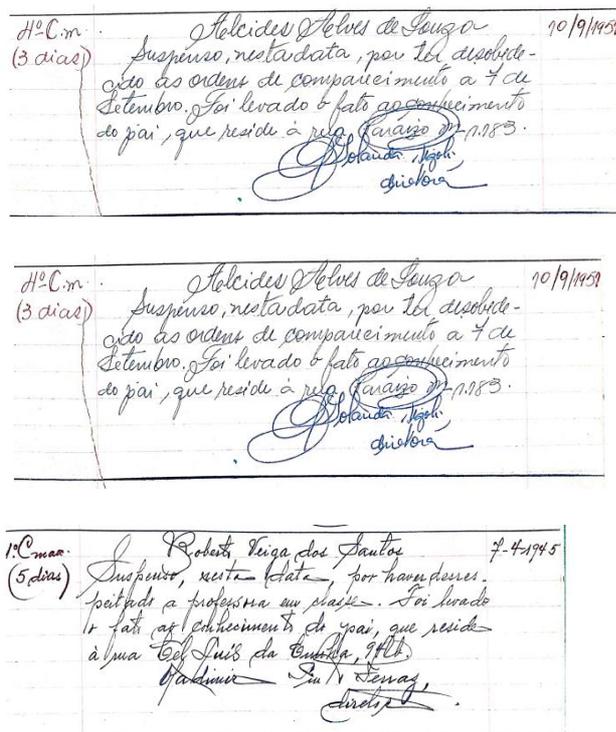
Figura 4 - Livro de Ouro, 1957.

“Amparar e estimular, vestir e alimentar os alunos necessitados das nossas escolas de ensino primário constitui, sem dúvida, obra meritória de alto alcance social, que bem merece o apoio de quantos se interessam pela necessária elevação moral e material da cultura do povo brasileiro. Por isso, a Fundação da Assistência Social Sinhá Junqueira muito se desvanece de concorrer modestamente embora, para a Caixa Escolar do Grupo da Vila Tibério, que tem o seu mesmo prestigioso nome e cujo ilustre Diretor e Professores tanto se esforçam e se desvelam para o cumprimento integral de seu benemérito e de patriotismo”⁴⁶.

A nota está no Livro de Ouro de 1957, onde foi registrado os donativos e contribuições para o “Caixa escolar”, o trecho foi escrito por Dr. Altino Arantes, na época presidente da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira. A categorização da “elevação moral e material da cultura brasileira”, alinha-se conjuntamente com a proposta do Código de Posturas um estudo das manifestações da barbárie na construção da cidade de Ribeirão Preto após 1930. Atentando-se que o alinhamento e a ordem se dava em consonância com a imagem do que é agradável para aquele projeto de modernização da sociedade cuja elite buscava reproduzir um modelo civilizatório expresso, por exemplo, em uma estrutura urbana européia. Essa antagonização de pobreza e riqueza é descrita por Gaioli:

Humberto Perinelli Neto atenta sobre a preocupação com a padronização do espaço urbano presentes nos códigos de posturas, destacando que essas determinações municipais beneficiavam apenas a elite da sociedade, pois a população pobre não tinha condições de acompanhar a nova ordem urbana. O historiador também frisa sobre a influência do código de posturas de São Paulo nos códigos municipais, fato que reforça ainda mais a ideia de padronização, ferindo, dessa forma, as reais necessidades particulares de cada localidade. (GAIOLI, 2015, p.27 e 28)

Figura 5 - Livro de Penalidades - 1939



Referências

GAIOLI, F. M. **Nos (des)caminhos sociais:** Ribeirão Preto e os Códigos de Posturas (1889-1921). Ribeirão Preto, 2016.

JAYME, L. de R. **Nas sombras das luzes educacionais:** as escolas isoladas em Ribeirão Preto (1890-1920). Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2007.

SOCORRO, Anselmo Silva. **A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JORN RÜSEN:** impressões da aplicabilidade do conceito. Paranaíba: VI Congresso Internacional de História, 2011.

Retirados do Livro de Penalidades de 1939, ressaltamos aqui um fator já comentando antes, a questão da ordem e disciplina. Por estes livros, notamos as exigências de filas, silêncio nos corredores, ao entrar e sair da sala, principalmente ao subir as escadas, era exigido que não batassem os pés, a comunicação com os professores deveria seguir o protocolo de levantar as mãos, os desobedientes eram vistos como transgressores e punidos com suspensão, assim como vemos nas três suspensões acima. A quebra da ordem é o principal motivo das suspensões, caracterizando a escola como um quartel praticamente, mas vista acima de tudo como um agente civilizador indispensável. Este comportamento pode ser atribuído a uma análise de consciência histórica exemplar, a escola sendo o berço do juízo de valores desses cidadãos, tornando então tais comportamentos como referência histórica para orientar-se em sua vida prática no tempo.